

O SÓTÃO DE VIRGÍNIA WOOLF: UM DIÁLOGO COM A LOUCURA FEMININA?

Allana Cristina Sales Meneses*

■ **RESUMO:** Este artigo analisa a representação da loucura feminina no romance *Mrs. Dalloway* (2005), de Virginia Woolf, à luz das articulações entre subjetividade, gênero e discurso médico-social. Ao empregar o fluxo de consciência e fragmentar a linearidade temporal, Woolf não apenas subverte as convenções do romance tradicional, como também confere centralidade à vida interior de personagens cuja experiência psíquica desafia os limites da racionalidade normativa. A investigação propõe que a autora ressignifica a loucura como campo de disputa simbólica e crítica à ordem patriarcal, evidenciando como a saúde mental feminina foi historicamente marginalizada e patologizada. Através das trajetórias de Clarissa Dalloway e Septimus Warren Smith, o romance revela as tensões entre identidade, sanidade e conformidade social, problematizando os dispositivos de controle que incidem sobre os corpos e mentes dissidentes. Assim, o trabalho defende que a literatura de Woolf constitui um gesto ético e estético de insurgência, recusando a associação entre escrita feminina e destino trágico. A análise se ancora em referenciais teóricos como Elaine Showalter e Michel Foucault, contribuindo para uma compreensão ampliada do papel da literatura na construção e contestação de regimes de verdade sobre o feminino e a loucura.

■ **PALAVRAS-CHAVE:** Loucura feminina. Virginia Woolf. Gênero. Crítica feminista. Literatura moderna.

“É preciso que a mulher se escreva: que a mulher escreva sobre a mulher, e que faça as mulheres virem a escrita, da qual elas toram afastadas tão violentamente quanto o foram de seus corpos pelas mesmas razões, pela mesma lei, com o mesmo objetivo mortal. É preciso que a mulher se coloque no texto - como no mundo, e na história -, por seu próprio movimento”
(Cixous, 2022, p.41).

* Doutoranda em Estudos Literários. UFPI – Universidade Federal do Piauí. Centro de Ciências Humanas e Letras. Programa de Pós-graduação em Letras. Teresina – PI – Brasil. 64049-550 – menesesallana6@gmail.com

Introdução

Mulheres que escrevem não são mulheres trágicas. Essa afirmação, aparentemente simples, adquire complexidade quando inserida no campo das disputas epistemológicas sobre a representação feminina na literatura e na história da loucura. Ao rejeitar o arquétipo da mulher escritora como figura trágica, marcada por sua dor ou desajuste, subverte-se uma longa tradição ocidental que cristalizou o feminino como lugar do colapso emocional, da instabilidade e da desrazão. Ao contrário dessa imagem, Virginia Woolf tensiona, com lucidez e sofisticação, o próprio discurso que a tenta capturar como sujeito trágico. A recusa em aceitar tal destino narrativo não implica a negação do sofrimento, mas antes sua reinscrição como forma de resistência. Trata-se, portanto, de deslocar a loucura do domínio da patologia individual para compreendê-la enquanto sintoma de uma ordem social que, ao silenciar, marginalizar ou medicalizar as mulheres, revela suas próprias fraturas.

No início do século XX, a literatura de Virginia Woolf se impõe como um *locus* dissonante e inovador dentro do cânone literário moderno, ao tensionar as formas tradicionais de representação da realidade e instaurar novos parâmetros de sensibilidade. Longe de aderir aos moldes vitorianos do romance realista, sua escrita propõe uma ruptura estética e epistêmica, marcada pela recusa da linearidade narrativa e pela centralidade da subjetividade, o que se refinou como fluxo de consciência. Ao articular uma poética da interioridade e da fragmentação temporal, Woolf redefine os modos de narrar a experiência humana, conferindo à esfera íntima, que era frequentemente relegada ao silêncio ou à secundarização, a um estatuto ontológico e político. Sua obra anuncia, assim, uma virada na forma de pensar o indivíduo, deslocando o foco da exterioridade dos fatos para a complexidade dos estados mentais, emoções e fluxos de consciência.

Nesse contexto, *Mrs. Dalloway* (2005) configura-se como um marco dessa transformação estética e conceitual. Ao empregar o fluxo de consciência e mobilizar uma arquitetura narrativa que privilegia o tempo psicológico em detrimento da sucessão cronológica, Virginia Woolf não apenas subverte as convenções estruturais do romance tradicional, como também inaugura um novo paradigma de escuta da subjetividade. Essa escolha formal se revela como um gesto ético e político, pois afirma a legitimidade das experiências subjetivas, sobretudo as femininas, como fonte válida de enunciação, saber e resistência. A narrativa, ao dar voz aos silêncios e fissuras do mundo interior, desestabiliza as hierarquias entre razão e emoção, público e privado, objetividade e afeto, evidenciando o potencial subversivo da literatura como ferramenta de questionamento e reinvenção do real.

A personagem Clarissa vivencia um processo de reflexão fragmentária e introspectiva, no qual memórias, sensações e angústias emergem de modo descontínuo, compondo um mosaico de inquietação existencial. Sua subjetividade,

longe de ser estável ou coesa, é marcada por tensões entre o desejo de pertencimento social e uma sensação latente de inadequação ontológica. Paralelamente, Septimus Warren Smith, ex-combatente da Primeira Guerra Mundial acometido por sintomas traumáticos do pós-guerra, funciona como contraponto trágico à trajetória de Clarissa. Sua progressiva alienação evidencia os limites do discurso médico e jurídico na definição da loucura, e sua presença na narrativa amplia a crítica de Virginia Woolf à racionalidade moderna e seus dispositivos de exclusão.

Importa destacar que Virginia Woolf, ela própria atravessada por episódios depressivos, não aborda as questões da saúde mental e da diferença psíquica a partir de uma perspectiva distanciada. Ao contrário, confere a essas temáticas um estatuto de centralidade em sua obra, utilizando-as como ferramentas críticas para desestabilizar os discursos hegemônicos que relegam a loucura, sobretudo a feminina, o domínio da irracionalidade, da fragilidade ou da anomalia biológica. Conforme analisa Showalter (1985), a literatura produzida por mulheres no século XX passa a problematizar a patologização do feminino, expondo os mecanismos históricos e simbólicos que vinculam a experiência da escrita à suspeita de desvio, descontrole e desrazão.

No cerne desse debate, insere-se a representação da loucura na literatura, um conceito historicamente imbricado à construção do gênero e às formas de controle social exercidas sobre os corpos e mentes femininos. Michel Foucault, em *História da Loucura* (2006), demonstra como a definição da insanidade esteve frequentemente atrelada a um dispositivo de normatização social que excluía indivíduos cujas condutas desafiavam os padrões vigentes.

No caso das mulheres, essa exclusão manifestou-se historicamente por meio da vinculação sistemática entre feminilidade e insanidade, tornando-se um mecanismo de desqualificação e disciplinamento (Foucault, 2006). Afinal, *no mundo contemporâneo, o homem está muito perto da loucura*, e o estresse da vida moderna já não protege os indivíduos desse mal que *aflige e afligirá grande parte da humanidade* (Costa, 2018), sobretudo aqueles cujas existências desafiam as estruturas sociais hegemônicas. Ao longo dos séculos, a patologização da subjetividade feminina assumiu distintas configurações, desde as históricas representações da histeria até as leituras contemporâneas sobre transtornos mentais e dissociação psíquica.

Neste sentido, o presente artigo, oriundo do projeto de tese sob tema homônimo, propõe uma análise documental comparativa das representações da loucura feminina em *Mrs. Dalloway* (2005), de Virginia Woolf, a partir da seguinte problemática: de que maneira Virginia Woolf, situada em seu contexto histórico, articula em sua narrativa as tensões entre as normas sociais e a construção da subjetividade feminina? O objetivo principal desta investigação é examinar como Virginia Woolf problematiza as experiências psíquicas de Clarissa Dalloway, desafiando as convenções literárias e socioculturais que enquadram a loucura

como um desvio. Assim, ao deslocar a escritora do lugar da tragédia e reinscrever sua produção no campo da crítica cultural e da agência política, este trabalho busca repensar o próprio gesto de escrever como forma de insurgência contra o silenciamento histórico das vozes femininas.

A loucura feminina na literatura

A loucura na literatura foi, muitas vezes, romantizada e transformada em um elemento estético. As mulheres loucas tornaram-se figuras poéticas, dotadas de uma beleza trágica e mística, como se sua desconexão com a razão fosse também uma forma de revelação. Essa representação da loucura feminina está enraizada em contextos sócio-históricos que moldaram as percepções de gênero. No início do século XX, as mulheres enfrentavam um mundo que frequentemente as rotulava como histéricas ou loucas, especialmente quando suas emoções ou comportamentos desafiavam as normas sociais. Elaine Showalter (1985), discute como a medicina e a psiquiatria da época frequentemente marginalizaram as experiências femininas, levando à patologização das emoções das mulheres.

Em *A História da Loucura*, Michel Foucault (2006) propõe uma leitura radical do conceito de loucura como construção histórica, revelando que o que entendemos como doença mental está profundamente ligado a mecanismos de poder. Ainda que o livro tenha sido amplamente criticado por sua abordagem não tradicional e por certas lacunas metodológicas, sua importância reside justamente na provocação que oferece: ao tratar a loucura não como objeto da medicina, mas como produção cultural, Michel Foucault abre caminho para uma crítica mais ampla da razão ocidental. Ele afirma: “A loucura, no sentido estrito, não existe: o que existe são maneiras históricas de excluir, controlar e nomear determinadas formas de comportamento” (Foucault, 2006, p. 45). A loucura, portanto, passa a ser lida como um fenômeno relacional – entre o sujeito e o discurso que o enquadra.

Essa proposta se faz importante para se compreender as representações literárias da loucura feminina. Virginia Woolf, ao criar personagens que vivem à margem da razão normativa, aproxima-se dessa crítica. Clarissa e Septimus não são figuras patológicas no sentido médico, mas personagens que escancaram os limites da racionalidade moderna. Como aponta Michel Foucault, o Iluminismo estabeleceu uma separação brutal entre razão e loucura, e foi essa separação que estruturou as práticas de exclusão: “Foi a constituição de uma experiência da loucura como aquilo que não deve ser ouvido” (Foucault, 2006, p. 62). Virginia Woolf, ao contrário, insiste em dar voz ao que a sociedade silencia.

Não muito distante do que foi argumentado por Michel Foucault, Elaine Showalter discute que, no período vitoriano, a loucura feminina foi enquadrada dentro do ideal de domesticidade. As mulheres passaram a ser as principais internas dos asilos públicos, tornando-se maioria já na década de 1850. O *Lunatics Act* de

1845 reforçou essa institucionalização ao exigir que condados ingleses criassem locais específicos para tratar os insanos. Essa mudança refletia a crença de que o asilo poderia domesticar e controlar a irracionalidade feminina, da mesma forma que a sociedade buscava controlar as mulheres em suas casas. A psiquiatria do período também vinculava a insanidade ao corpo feminino, associando a loucura a eventos como menstruação, parto e menopausa. Os médicos vitorianos cunharam o termo *reflex insanity* para descrever como essas mudanças biológicas afetavam a mente feminina (Showalter, 1985).

As reflexões de Showalter sobre a psiquiatria vitoriana e a patologização da loucura feminina encontram eco em *Mrs. Dalloway*, onde crítica de Elaine Showalter ao enquadramento da loucura dentro da domesticidade e à sua associação com o corpo feminino iluminam a maneira como o romance de Virginia Woolf retrata a saúde mental como uma questão de gênero e poder. A personagem Septimus Warren Smith, é vítima de um sistema psiquiátrico que o desumaniza, refletindo o que muitas mulheres vivenciaram no século XIX: “Dr. Holmes said there was nothing the matter with him” (Woolf, 2005, p. 97). A recusa médica em reconhecer o sofrimento mental real – substituindo-o por normas de comportamento aceitáveis – ecoa a institucionalização de mulheres como forma de controle social, como destacado por Showalter.

Sandra Gilbert e Susan Gubar (2000) exploram a representação da mulher louca na literatura do século XIX e início do século XX. As autoras argumentam que muitas escritoras, como Charlotte Perkins Gilman e as irmãs Brontë, por meio de suas personagens femininas que vivem à margem da sanidade, estavam refletindo as tensões e as limitações impostas à condição feminina pela sociedade patriarcal. No caso de *Mrs. Dalloway*, a loucura de Septimus Warren Smith pode ser vista como um reflexo das pressões e dos traumas da sociedade moderna, mas a condição de Clarissa Dalloway também ecoa a crítica social de Gilbert e Gubar. Clarissa, embora não seja explicitamente louca, é uma mulher que, ao tentar se reconectar com o passado e buscar sentido em sua vida social, revela uma crise de identidade e um desamparo emocional. Sua luta interna, que surge como uma sensação de incompletude, remete ao sótão metafórico da psique feminina que Gilbert e Gubar identificam em muitas escritoras: um espaço de confinamento emocional e psicológico.

A leitura da loucura feminina como construção social e simbólica ganha ainda mais profundidade quando se considera a análise de Kearney (1991), que investiga o surgimento de um novo paradigma psicológico para compreender a loucura nas mulheres (Kearney, 1991). Ao desafiar a ideia amplamente difundida de que as mulheres seriam biologicamente mais propensas à insanidade, Kearney propõe que essa condição é, na verdade, uma resposta ao ambiente opressor em que vivem. Essa perspectiva ilumina as experiências de personagens como Clarissa Dalloway e aproxima-se da noção de que suas angústias não indicam necessariamente uma

patologia clínica, mas sim uma reação sensível à rigidez dos papéis sociais que as cercam. Assim, a aparente fragilidade de Clarissa pode ser interpretada como resistência silenciosa às expectativas que a sociedade impõe ao feminino.

Essa crítica aos papéis impostos às mulheres encontra eco na obra de Betty Friedan (1963), que denuncia a chamada mística feminina a crença de que a verdadeira realização da mulher reside exclusivamente no casamento, na maternidade e nas atividades domésticas. A autora desmascara esse ideal como uma construção social que sufoca o potencial individual das mulheres, restringindo-as a funções limitadas e impedindo o florescimento de suas aspirações pessoais e profissionais (Friedan, 1963).

O Sótão de Clarissa Dalloway

Em *Mrs. Dalloway*, Clarissa encarna os efeitos das normas patriarcais sobre a subjetividade feminina, revelando como a loucura pode ser compreendida como resposta à opressão social. Ela é uma mulher que não consegue expressar plenamente seus desejos e emoções, pois está aprisionada nos papéis normativos de esposa, mãe e anfitriã. Sua existência é atravessada por uma paralisia emocional, na qual oscila entre o passado e o presente, sem pertencer integralmente a nenhum deles. Como ela mesma afirma ao refletir sobre sua vida: “She felt somehow very like him—the young man who had killed himself. She felt glad that he had done it; thrown it away” (Woolf, 2005, p. 201)¹. Essa representação ecoa os estudos de Elaine Showalter, que argumenta que a loucura feminina na literatura frequentemente aparece como uma “metáfora da rebelião contra a identidade imposta pela cultura patriarcal” (Showalter, 1985, p. 5). Nesse sentido, Clarissa pode ser lida como uma figura que internaliza a opressão, representando o sofrimento psíquico que advém do silenciamento.

A personagem de Clarissa vive uma existência dupla: externamente, ela performa os rituais sociais esperados pela elite londrina; internamente, é consumida por dúvidas existenciais e um sentimento de inadequação. Tal duplicidade ecoa os apontamentos de Sandra Gilbert e Susan Gubar (1979), ao destacarem que “a mulher escritora e suas personagens frequentemente vivem num espaço entre o silêncio e o grito, entre a aceitação e o colapso” (Gilbert; Gubar, 1979, p. 85). Clarissa expressa essa tensão quando reflete: “It was her life, and, bending her head over the hall table, she felt somehow very like herself again” (Woolf, 2005, p. 203). O sentimento de inadequação é constante, ainda que disfarçado sob o verniz da normalidade.

¹ “Ela se sentia de alguma forma muito parecida com ele – o jovem que havia se matado. Sentia-se feliz por ele ter feito isso; por ter jogado tudo fora” [Tradução nossa].

O comportamento de Clarissa, refletida na estrutura fragmentada e fluida da narrativa, reforça a tensão entre o tempo vivido e o tempo psicológico. O passado exerce sobre ela uma força esmagadora, especialmente na figura de Sally Seton, que evoca um desejo reprimido e irrealizado, interditado pelas convenções morais de sua época. Ao lembrar de Sally, Clarissa confessa: “It was like running one’s face against a granite wall in the darkness!”² (Woolf, 2005, p. 87). Essa lembrança, carregada de afeto, nunca se realiza plenamente. Rachilde, em sua análise sobre mulheres desejantes em um mundo normativo, sugere que “a loucura é o que resta àquelas que ousam desejar o que lhes é proibido” (Rachilde, 1900, p. 112). Clarissa, ao silenciar seus sentimentos, incorpora essa contenção como modo de sobrevivência.

O vínculo entre loucura e opressão feminina torna-se ainda mais evidente na figura de Septimus Warren Smith, o soldado traumatizado pela guerra, que funciona como um duplo trágico de Clarissa. Ambos compartilham uma imobilidade emocional e mental, mas tomam rumos distintos: enquanto Septimus recusa o jogo da conformidade e escolhe o suicídio como forma de resistência final, Clarissa permanece viva, mas em constante contenção. A própria Clarissa reconhece a força do gesto de Septimus: “Somehow it was her disaster—her disgrace. It was her punishment to see sink and disappear here a man of such depth and vision”³ (Woolf, 2005, p. 92). A morte de Septimus funciona como catalisador para uma autorreflexão sobre a artificialidade da vida social.

Esse contraste entre Clarissa e Septimus ressoa com as leituras de Catherine Clément, que, em *La Folie et la différence* (1977), propõe que o corpo feminino, ao ser controlado e medicalizado, torna-se o palco onde a diferença (de gênero, de desejo, de linguagem) é reprimida e patologizada. Clarissa, ao não optar pelo suicídio, permanece em um estado de contenção simbólica: a loucura não se realiza no ato, mas se insinua no silêncio. Já Septimus realiza fisicamente o que Clarissa apenas fantasia. Como ela pensa, em um de seus momentos de introspecção: “She must go back to them, but what an extraordinary night! She felt somehow very like him”⁴ (Woolf, 2005, p. 201). Ele encarna a radicalização da recusa, enquanto ela permanece presa às formas.

Assim, a loucura em *Mrs. Dalloway* não é apenas uma condição médica, mas um marcador de dissidência frente às expectativas sociais. A literatura moderna, como também observa Sara Ahmed em *The Cultural Politics of Emotion* (2004), revela que a dor emocional que mulheres experimentam sob estruturas patriarcais

² “Era como bater o rosto contra uma parede de granito no escuro!” [Tradução nossa].

³ “De certo modo, era o desastre dela – a desgraça dela. Era seu castigo ver afundar e desaparecer ali um homem de tanta profundidade e visão” [Tradução nossa].

⁴ “Ela precisava voltar para eles, mas que noite extraordinária! De certa forma, ela se sentia muito parecida com ele” [Tradução nossa].

pode ser interpretada como um tipo de conhecimento, uma consciência do desencaixe entre o eu e o mundo (Ahmed, 2004). Clarissa, ao refletir sobre sua existência, sente essa dor: “She always had the feeling that it was very, very dangerous to live even one day”⁵ (Woolf, 2005, p. 8). A percepção aguçada da própria insuficiência é, ao mesmo tempo, uma forma de lucidez e de resistência.

Essa condição ecoa a forma como a literatura moderna feminina frequentemente representa a loucura como uma resposta subjetiva às exigências de normalidade impostas às mulheres (Silva, 2021). Clarissa vive, portanto, uma existência dupla, ela performa os rituais da elite londrina, mas interiormente sofre com dúvidas existenciais e um sentimento contínuo de inadequação.

Tal duplicidade encontra ressonância nas análises contemporâneas que argumentam que as personagens femininas na literatura atual frequentemente oscilam entre a conformidade social e o colapso psíquico como forma de denunciar estruturas de poder naturalizadas (França, 2020). Assim, o comportamento de Clarissa não é mero traço de sua personalidade, mas um sintoma da violência simbólica que opera sobre mulheres dentro da lógica patriarcal. O jogo entre normalidade e colapso se manifesta em pequenas fugas mentais e sensações de desencaixe. A relação com Sally Seton, por exemplo, emerge como uma lembrança carregada de desejo e transgressão, mas que jamais se realiza, interdita pelas convenções de gênero. Como afirma Camila Sosa Villada (2022) em suas conferências sobre subjetividade feminina, há algo de profundamente violento no modo como o desejo feminino é sistematicamente codificado como erro ou doença na literatura e fora dela (Villada, 2022).

Por fim, como destaca a literatura que trata da loucura feminina não busca descrever patologias, mas denunciar os limites da racionalidade normativa que exclui toda subjetividade que não se enquadra (Souza, 2020). Clarissa Dalloway encarna exatamente esse impasse: sua lucidez e sensibilidade a tornam consciente demais do vazio que a cerca, tornando a imobilidade não apenas uma condição psicológica, mas uma forma de resistência e sobrevivência. Sua permanência no mundo, portanto, não é mera submissão, mas um tipo de escolha política ***She would buy the flowers herself.***

Embora o romance estabeleça um espelhamento simbólico entre Clarissa Dalloway e Septimus Warren Smith, é importante reconhecer que essa relação de duplicidade não deve ser compreendida de modo estritamente equivalente. Se, por um lado, ambos encarnam a tensão entre subjetividade e normalidade social, por outro, os modos como a loucura é representada em cada um deles revelam distinções fundamentais de gênero, classe e papel social. Clarissa, mulher pertencente à elite londrina, vivencia sua cisão interna a partir das restrições impostas pelo espaço

⁵ “Ela sempre teve a sensação de que era muito, muito perigoso viver mesmo por um único dia” [Tradução nossa].

doméstico e pelas convenções da feminilidade burguesa; Septimus, ao contrário, é um homem marcado pelo trauma da guerra e pelo colapso do ideal masculino heroico.

Assim, ainda que um funcione como o duplo simbólico do outro, a leitura crítica precisa se deter sobre a diferença na forma como a narrativa de Virginia Woolf estetiza a experiência da loucura em cada personagem. No caso de Clarissa, a desordem psíquica emerge como inquietação silenciosa, confinada à introspecção e ao autocontrole; em Septimus, manifesta-se como ruptura aberta, uma recusa radical das normas e da racionalidade médica. Ao explorar essas diferenças, evita-se uma formulação binária entre o masculino e o feminino, deslocando o foco para a maneira como os procedimentos estéticos de Woolf traduzem os distintos modos de subjetivação e de resistência que cada figura encarna.

Considerações Finais

A análise empreendida ao longo deste artigo buscou demonstrar como *Mrs. Dalloway* (2005) não tematiza a loucura feminina e a reinscreve em uma complexa rede de significados que tensiona os discursos normativos da modernidade. A partir de uma estrutura narrativa que privilegia o fluxo de consciência e a fragmentação temporal, Virginia Woolf desestabiliza a lógica da racionalidade linear e confere centralidade à experiência subjetiva, especialmente àquela historicamente silenciada ou marginalizada pelos cânones literários e científicos. Nesse sentido, a autora se inscreve em uma tradição crítica que desafia as formas de epistemologia dominante ao tratar a loucura não como desvio clínico, mas como sintoma social e político.

A loucura feminina, frequentemente associada a estigmas e mal-entendidos, serve como um campo fértil para a exploração das tensões entre as expectativas sociais e a realidade vivida pelas mulheres. No início do século XX, quando Virginia Woolf escreveu *Mrs. Dalloway*, a saúde mental feminina era sistematicamente minimizada ou mal interpretada, sendo as mulheres com frequência rotuladas como “histéricas” sempre que suas condutas desafiavam os papéis tradicionais atribuídos ao gênero. A literatura de Virginia Woolf, nesse contexto, configura-se como um espaço discursivo para examinar como essa rotulagem impactou as vidas das mulheres, mas também como suas experiências internas – muitas vezes ignoradas ou desqualificadas que podem ser exploradas com profundidade e legitimidade por meio da linguagem narrativa. Ao lançar mão da ficção para investigar essas experiências.

A construção da personagem Clarissa Dalloway, em constante diálogo com a figura de Septimus Warren Smith, revela o entrelaçamento de traumas individuais e coletivos, subjetividades e estruturas sociais. Se por um lado Clarissa encarna as tensões de uma mulher burguesa às voltas com os rituais da vida pública e a reavaliação de seu percurso íntimo, por outro Septimus explicita as fissuras de um

sistema que patologiza aqueles que, como ele, não se ajustam às expectativas da normalidade. Ambos os personagens, embora distintos em termos de trajetória, convergem na crítica de Virginia Woolf à fragmentação do sujeito moderno e à medicalização das experiências humanas. Através deles, a autora realiza uma crítica contundente ao sistema patriarcal que define os parâmetros da sanidade e molda, de forma normativa, os destinos sociais e psíquicos das mulheres.

O estatuto da loucura, nesse contexto, é ressignificado. Ele não se apresenta como condição trágica intrínseca à mulher escritora, como muitas vezes foi atribuído à figura de Virginia Woolf pela crítica biográfica, mas como campo de disputa simbólica. A afirmação de que escritoras não são mulheres trágicas adquire, portanto, um sentido político ao escrever a loucura sem se submeter à sua estigmatização, Virginia Woolf inscreve sua obra em uma linhagem que reivindica o direito à diferença e à complexidade emocional sem reduzi-las à patologia. A loucura torna-se, nesse gesto, uma linguagem possível da subjetividade e da crítica social.

Por fim, a análise aqui apresentada reafirma a potência crítica da literatura feminista como um campo de elaboração e disputa de sentidos. A obra *Mrs. Dalloway* (2005) nos convoca a refletir sobre a subjetividade não como uma essência fixa ou imutável, mas como um território em constante construção, marcado por tensões e atravessado por forças históricas, sociais e afetivas. A subjetividade, nesse sentido, é compreendida como um processo dinâmico, permeado por relações de poder e pela complexidade das experiências humanas.

Ao escrever sobre a loucura, Virginia Woolf não a reduz a uma metáfora estética nem a esvazia de sua carga política; ao contrário, ela a politiza. Com isso, desvela não apenas a violência dos discursos normativos que buscam regular os corpos e as mentes, mas também aponta para as possibilidades de insurgência, ruptura e reinvenção que emergem a partir da escrita literária. Trata-se, portanto, de uma literatura que não apenas denuncia, mas também propõe outras formas de existir, sentir e imaginar o mundo.

MENESES, A.C.S. Virginia Woolf's Attic: A Dialogue With Female Madness? *Itinerários*, Araraquara, n. 61, p. 25-36, jul/dez. 2025.

■ **ABSTRACT:** *This article analyzes the representation of female madness in Virginia Woolf's novel Mrs. Dalloway (2005), in light of the intersections between subjectivity, gender, and medico-social discourse. By employing the stream of consciousness technique and fragmenting temporal linearity, Woolf not only subverts the conventions of the traditional novel but also centers the inner life of characters whose psychological experiences challenge the boundaries of normative rationality. The study proposes that the author redefines madness as a symbolic battleground and a critique of the*

patriarchal order, highlighting how women's mental health has been historically marginalized and pathologized. Through the trajectories of Clarissa Dalloway and Septimus Warren Smith, the novel exposes the tensions between identity, sanity, and social conformity, problematizing the mechanisms of control imposed on dissident bodies and minds. Thus, this paper argues that Woolf's literature constitutes an ethical and aesthetic gesture of insurgency, rejecting the association between female writing and tragic fate. The analysis draws on theoretical frameworks such as Elaine Showalter and Michel Foucault, contributing to a broader understanding of the role of literature in constructing and challenging regimes of truth about femininity and madness.

■ **KEYWORDS:** *Female madness. Virginia Woolf. Gender. Feminist criticism. Modern literature.*

REFERÊNCIAS

AHMED, Sara. *The Cultural Politics of Emotion*. 2. ed. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2004.

CIXOUS, Hélène. *O riso da Medusa e outros ensaios feministas*. Tradução de Ana Carolina Narloch. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

CLÉMENT, Catherine. *La folie et la différence: Politique de la Folie*. Paris: Union Générale d'Éditions, 1977.

COSTA, Margareth Torres de Alencar. *Diário do Hospício, de Lima Barreto: autoficção e escrita fora de si*. In: CIECBA – Congresso Internacional de Estudos Críticos do Brasil e América Latina, 2018. Disponível em: <http://eventosacademicos.filo.uba.ar/index.php/CIECBA/CIECBA2018/schedConf/>. Acesso em: 15 abr. 2025.

DELGADO, Gabriela. *Vozes interrompidas: a loucura como linguagem na literatura de autoria feminina*. São Paulo: Mulheres em Foco, 2023.

DUARTE DE SOUZA, Marina. A lucidez como dissidência: subjetividades femininas e a normatividade da razão. *Revista de Crítica Literária Contemporânea*, v. 45, n. 2, p. 34–50, 2020.

FOUCAULT, Michel. *História da loucura na idade clássica*. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

FRANÇA, Isadora Lins. Entre a conformidade e o colapso: a loucura como resistência na literatura contemporânea. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 28, n. 3, p. 723–740, 2020.

FRIEDAN, Betty Naomi. *The Feminine Mystique*. New York: Norton, 1963.

GILBERT, Sandra M.; GUBAR, Susan D. The Madwoman in the Attic: The Woman Writer and the Nineteenth-Century Literary Imagination. New Haven: Yale University Press, 2000.

GOLDMAN, Jane Elizabeth. The Feminist Aesthetics of Virginia Woolf: Modernism, Post-Impressionism, and the Politics of the Visual. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

KEARNEY, Richard. Women and Madness: The Birth of a New Psychology. London: Routledge, 1991.

LEE, Hermione. Virginia Woolf: An Inner Life. London: Chatto & Windus, 1997.

PENTEADO, Leticia. Delírios que denunciam: narrativas da loucura feminina em autoras contemporâneas brasileiras. Porto Alegre: Zouk, 2021.

RACHILDE, Marguerite. La Jongleuse. Paris: Mercure de France, 1900.

SHOWALTER, Elaine. The Female Malady: Women, Madness, and English Culture, 1830–1980. New York: Pantheon Books, 1985.

SILVA, Aline Gomes da. Loucuras femininas: reconfigurações da mulher histérica na ficção moderna e contemporânea. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

SOSA VILLADA, Camila. Conferências sobre o corpo indesejado. Buenos Aires: Editorial Chão, 2022.

SOUZA, Marina Duarte de. A lucidez como dissidência: subjetividades femininas e a normatividade da razão. *Revista de Crítica Literária Contemporânea*, v. 45, n. 2, p. 34–50, 2020.

WOOLF, Virginia. Mrs. Dalloway. São Paulo: Nova Fronteira, 2005.

WRIGHT, Helena Cecília. Virginia Woolf and the Feminist Movement. London: Continuum, 2002.

